



TODO CIENTISTA É BRANCO? REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE “QUEM FAZ CIÊNCIA” NA CULTURA POP

IS EVERY SCIENTIST WHITE? CONTEMPORARY REPRESENTATIONS OF “WHO DOES SCIENCE”

ELBERT DE OLIVEIRA AGOSTINHO

Doutor em Ciência, Tecnologia e Educação e Mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). Graduado em História pela Fundação Educacional Duque de Caxias (FEUDUC).

FERNANDO ALVES DA SILVA FILHO

Doutorando em Ensino em Biociências e Saúde e Mestre em Ciência, Tecnologia e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Graduado Pedagogia (UERJ) e em História (UVA/RJ).

RESUMO

O ensaio analisa como narrativas da cultura pop reforçam estereótipos sobre "quem faz ciência" – frequentemente limitados a homens brancos e heterossexuais. Ao discutir a invisibilidade das contribuições de intelectuais negros, o texto reflete sobre o apagamento histórico e o racismo estrutural que exclui cientistas negros da representação popular. Referências como Martin Luther King e Stuart Hall sustentam a crítica à permanência de um arquétipo fixo de cientista, questionando sua imutabilidade. Exemplos contemporâneos de personagens negros, como Adam Brashear e Lucius Fox, são apresentados para desafiar esses estereótipos. O ensaio conclui que as histórias em quadrinhos e a cultura pop, por meio de representações como Lunella Lafayette e Riri Williams, oferecem novas perspectivas que ampliam o imaginário sobre cientistas negros, evidenciando uma desconstrução dos estereótipos tradicionais e a importância de narrativas mais inclusivas.

Palavras-chave: Cultura pop; Racismo; Cientistas negros; Estereótipos; Representação.

ABSTRACT

The essay analyzes how pop culture narratives reinforce stereotypes about "who does science" – often limited to white, heterosexual men. By discussing the invisibility of contributions from Black intellectuals, the text reflects on the historical erasure and structural racism that excludes Black scientists from popular representation. References such as Martin Luther King and Stuart Hall support the critique of the persistence of a fixed archetype of the scientist, questioning its immutability. Contemporary examples of Black characters, such as Adam Brashear and Lucius Fox, are presented to challenge these stereotypes. The essay concludes that comic books and pop culture, through representations like Lunella Lafayette and Riri Williams, offer new perspectives that broaden the imagination around Black scientists, highlighting a deconstruction of traditional stereotypes and the importance of more inclusive narratives.

Keywords: Pop Culture; Racism; Black scientists; Stereotypes; Representation.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 A CIÊNCIA NÃO TEM COR (NEM MESMO NA CULTURA POP); CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A imagem do cientista na cultura pop reflete, em grande parte, os valores e preconceitos de uma sociedade. Nas mais diversas mídias, por muito tempo, a narrativa dominante continua a reforçar um estereótipo rígido: o cientista é, quase invariavelmente, um homem branco, heteroafetivo e detentor de características associadas à genialidade e racionalidade ocidental.

Essa construção, que apaga a diversidade de contribuições científicas de outros grupos – especialmente os negros – demonstra como as estruturas de poder e o racismo têm moldado o imaginário coletivo sobre quem pode ser reconhecido como produtor de conhecimento. Ao longo da história, intelectuais negros foram marginalizados ou silenciados, e seus feitos foram ignorados em favor de uma visão eurocêntrica da ciência.

Este ensaio busca explorar como a cultura pop reforça esse estereótipo, ao mesmo tempo em que investiga as formas emergentes de resistência e reimaginação dessa narrativa, especialmente no contexto de uma sociedade em constante transformação e fluidez identitária, conforme apontado por teóricos como Stuart Hall (2014; 2016) e Zygmunt Bauman (2001).

1 A CIÊNCIA NÃO TEM COR (NEM MESMO NA CULTURA POP)

As narrativas que se relacionam com o que compreendemos como cultura pop, desde Victor Frankenstein a *The Big Bang Theory*, configuram-se em insinuar que há apenas um estereótipo de “quem faz ciência”: Homem, Branco e Hétero. No entanto, observamos com grande entusiasmo que nem todas as vozes dessa história foram ouvidas, quiçá compreendidas, e, tratando-se da Identidade Negra, existe um esforço massivo em invisibilizar, no sentido de apagar vestígios de contribuições de intelectuais negros, principalmente ao se tratar do que entendemos como “conhecimento científico”. Martin Luther King, ao reverberar “Eu tenho um sonho”, anunciava que as problemáticas raciais eram uma pauta. De maneira mais contemporânea, Stuart Hall (2014; 2016) nos ensina que a identidade apresenta fluidez, de acordo com o cenário social e o tempo em que ela habita; então, se estamos em constante fluidez – ou se o mundo é líquido como diria Bauman(2001), quais são os motivos pelos quais o arquétipo de cientista se pretende intocável, inquestionável, eternamente branco? Ensaíamos uma resposta, levando em consideração as variáveis possíveis:



existe no constructo midiático o fetiche de dilacerar corpos negros, e se não apresentam representações outras, insistem em estereótipos que acentuam um movimento hegemônico iniciado por visitas indigestas denominadas “processos de colonização”.

Nesse sentido, as produções da cultura pop encontram terreno fértil no atual contexto informacional para permearem a realidade com estereótipos e têm representado concepções de ciência e cientistas de forma constante. As imagens e discursos apresentados em histórias em quadrinhos, desenhos animados, mangás, séries e filmes ficam acessíveis aos públicos e possuem o potencial de criar modelos de identificação por meio de tais estereótipos, que historicamente vão sendo cristalizados na compreensão pública sobre ciência. Robson Santos Costa aponta que, dentro da Cultura de Convergência (Jenkins, 2006), a indústria cultural e a cultura de massas têm como abordagem principal “elaborar produtos que os consumidores tenham a sensação de ser algo novo, mas que, ao mesmo tempo, seja algo reconhecível, dentro dos padrões em que o público já esteja familiarizado” (Costa, 2017. p. 77).

Serge Moscovici (2015) ao falar de Teoria das Representações Sociais enfatiza que essa é uma construção social, ou seja, um acordo coletivo adotado culturalmente entre pessoas que convivem com os mesmos símbolos, códigos, maneiras de pensar e agir em comunidades. E vai além ao dizer que a formação de culturas e subculturas acontece a partir do reconhecimento do indivíduo como modificador do social e o social como transformação coletiva das atitudes, crenças e expectativas desses mesmos indivíduos. Porém, indica que “é difícil saber como uma ideia nasce na mente de alguém” (Moscovici, 2015. p. 314) por conta do fato de que os sujeitos estão, constantemente, em contato com grandes volumes de informações diferentes e conflitantes. É nesse terreno que os estereótipos e representações se proliferam nos diferentes veículos de mídias – impressa, audiovisual e virtual – formando memórias, fascinação através do deslumbre, das emoções e da identificação com narrativas fantásticas (Jodelet, 2011).

Consoante Lopes (2024), a representologia estática se dedica ao estudo das representações, tanto aquelas que estão estabilizadas quanto as que estão em trânsito. Esse campo busca entender como as representações se consolidam e se mantêm em determinados contextos, enquanto outras estão em processo de transformação ou deslocamento. O conceito é mais detalhado e elucidado por meio do modelo celular, que é uma abordagem onde a representação estabilizada é comparada a uma célula com um núcleo fixo, onde os elementos associados a essa representação estão



firmemente ligados e se mantêm estáveis ao longo do tempo. Já a representação em mudança é comparada a uma célula cujo núcleo está em processo de transformação, onde os elementos associados se reorganizam, permitindo que novas conexões sejam formadas e antigos vínculos sejam rompidos (Lopes, 2024). Esse modelo ilustra a dinâmica de como as representações podem se fixar – como teria acontecido por muito tempo em relação a cientistas serem sempre brancos – ou se modificar conforme novos contextos ou influências emergem, como tem acontecido hodiernamente em alguns casos, onde cientistas negros têm sido valorizado em várias mídias.

Donna Haraway (2009), uma Jedi da intelectualidade (e, claro, espero que você conheça Star Wars), afirma que somos todos quimeras, seres fabricados. Para ela, somos o resultado de um acúmulo de peças (nossas vivências) que se conectam em determinado tempo e espaço; somos, portanto, todos ciborgues! Essa metáfora sugere que as identidades são híbridas e construídas, rompendo com noções fixas e binárias, especialmente em um mundo moldado pela ciência e tecnologia.

Logo, podemos exercitar a compreensão de que não há um único estereótipo de cientista; podemos, sim, “brigar” com a mídia, pois, Douglas Rushkoff (1996), chama o movimento midiático de vírus, e insiste que talvez estejamos todos infectados. Mas, como educadores que nos tornamos, forjando nossa identidade; se a humanidade está perdida, talvez, como na “caixa de pandora”, a esperança se apresente depois que todas as problemáticas povoarem o mundo; e quando dizemos “esperança”, falamos das crianças, de nossos alunos e alunas, do chão da escola; falamos da importância de professores negros descolonizarem esse terreno fértil do imaginário infantil; falamos da destruição do racismo.

Se compreendemos como urgente a proposta de novas representações sobre cientistas, é exatamente o que faremos: apresentaremos algumas personagens que podem ser compreendidas como representações contemporâneas de “quem faz ciência”, negando a exclusividade de apenas um tipo de cientista, então simpatizamos com a ideia de que não existem apenas cientistas brancos, héteros e homens. E para isso cabem duas perguntas: você sabia que um dos personagens mais poderosos do Multiverso Marvel é um cientista negro? E quem comandava as empresas Wayne e sua divisão de tecnologias, fonte da durabilidade e versatilidade do Batman, também é um inventor negro? Não! E não também! Então, se liga na biografia de alguns cientistas da ficção que dialogam muito com a realidade.



Imagem 01: Adam Brashear (Foto: Marvel Comics)

Adam Bernard Brashear (Marvel, 2008) cronologicamente é o primeiro super-herói negro do Multiverso Marvel. Um jovem prodígio intelectual e com habilidades físicas além do comum. Graduou-se na Universidade de Cornell entre o fim da década de 1930 e início de 1940, onde concluiu os PhD's em Engenharia Elétrica e Física Teórica. Serviu na Guerra da Coreia como parte dos Marine Corps e foi condecorado com duas Estrelas de Prata. Devido aos seu intelecto, após a guerra, tornou-se o líder do Projeto Perseus, um projeto científico com o objetivo de aproveitar as características da Antimatéria para criar um reator capaz de produzir energia limpa e ilimitada. Porém, algo dá errado e causa uma explosão radioativa, modificando o código genético de Adam; como resultado ele mesmo passa a ser um reator estável de antimatéria. Isso lhe concedeu superpoderes e habilidades físicas sem limites, assim assumindo o manto da identidade secreta Blue Marvel.

Por muitos anos ele foi o defensor do planeta Terra contra ameaças internas e externas e um super-herói idolatrado e amado por todos os cidadãos americanos. Porém, durante uma batalha



feroz contra um vilão, sua máscara, capacete e uniforme foram danificados e sua origem afrodescendente foi revelada ao público. Na história, que era ambientada na década de 1960, uma época de segregação racial e racismo aberto, a opinião pública se voltou contra ele. A realidade se mostrou: era inadmissível um super-herói negro tão poderoso. O mesmo herói condecorado pelo então Presidente John F. Kennedy, que o concedeu a Medalha da Liberdade pelos serviços prestados, foi pressionado a se aposentar e abandonar o manto de Blue Marvel.

Assim como muitos cientistas negros da vida real, a identidade de Adam Brashear foi apagada da história dentro do Multiverso Marvel, invisibilizada pelo racismo estrutural estabelecido culturalmente. Essa narrativa ficcional pode ser refletida em vários exemplos de cientistas negros apagados de nossa história – Você já assistiu ao filme *Estrelas Além do Tempo?* (2016)? Recomendamos fortemente!



Imagem 02: Lucius Fox (Foto: DC Comics)



Lucius Fox (DC Comics, 1979) é um personagem negro essencial no suporte à Bat-família, sendo o responsável por gerenciar as empresas Wayne e bastante conhecido por seu “Toque de Midas”, em referência à fábula do Rei Midas, que transformava em ouro tudo o que tocava. Fox salvou as empresas da falência, restabelecendo seu sucesso financeiro. Além disso, ele coordena a divisão de tecnologia das Empresas Wayne, onde sua inventividade é crucial para desenvolver os protótipos e dispositivos que ajudam a proteger a Bat-família em sua luta contra o crime em Gotham. Apesar de sua importância, pouco se sabe sobre as origens e o passado de Lucius Fox.

Atualmente, nas mídias referentes ao universo do Batman, Lucius Fox tem sido representado como o inventor responsável por desenvolver protótipos dos utensílios usados pelo homem morcego e pelo departamento de polícia de Gotham. Mesmo com todo seu intelecto administrativo, empresarial e sobre tecnologias, o personagem ainda é pouco conhecido e valorizado, assim como outros personagens negros das histórias em quadrinhos e da vida real. Lucius é um personagem secundário, dos bastidores e, constantemente, esquecido quando o assunto é reconhecimento.

A própria historiografia da ciência revela como o colonialismo europeu predomina na formação da representatividade do cientista, as inovações tecnológicas e desenvolvimento em práticas de saúde como uma “descoberta” dos povos brancos. No entanto, como diz Garcia, Silva e Pinheiro (2019), o continente africano era proeminente no domínio científico antes mesmo dos povos gregos:

O saber médico, arquitetônicos, químicos, os cálculos matemáticos, que inclusive propiciaram a construção de pirâmides, e o universo astronômico eram em graus diferenciados parte deste continente. A medicina egípcia, por exemplo, tinha seu conhecimento a partir dos experimentos e estudos voltados para o interior do organismo humano, elaborado em função da prática da mumificação, do embalsamento do corpo dos faraós e de pessoas influentes desta sociedade. Parte desses conhecimentos pode ser hoje acessado por meio do papiro de Ébers. (Garcia; Silva; Pinheiro, 2019. p. 2)

Esse “apagamento” da ancestralidade científica de origem negra se dá por conta das relações de poderes exercidas pelos colonizadores no decorrer do desenvolvimento histórico, colocando o povo negro como atrasado, não humanizado, sexualizado e animalizado, desconectando os afrodescendentes de suas culturalidades representativas e das memórias das



grandes invenções e descobertas dos povos africanos (Pinheiro, 2019) e, como é frequentemente reproduzido, “a história é contada pelos vencedores”; e na formação dessa representação social eurocentrada nasce o “Mito da superioridade racial” ou Racismo com nome científico (Rodas; Prudente, 2009).

Felizmente, nas últimas décadas, essa narrativa tem mudado. Através do engajamento social, de lutas constantes e da reconstrução das memórias sobre a ancestralidade do povo negro, o reconhecimento de intelectuais e cientistas negros vem sendo restabelecido como parte integrante dos discursos científicos.

Nomes como George Washington Carver, cientista e inventor responsável por revolucionar métodos de rotação de pastagens na área agrícola, Patricia Era Bath, inventora do tratamento para catarata, Marie Maynard Daly, primeira mulher negra a obter um doutorado em Química nos Estados Unidos, Conceição Evaristo, pesquisadora-educadora-escritora mineira prolífica na valorização da memória ancestral através de seus escritos, Milton Santos, cientista social brasileiro inovador no estudo do espaço físico como território de questões étnico-raciais e de liberdade da cultura popular, são alguns exemplos (existem tantos outros cientistas negros que poderíamos ficar páginas e páginas citando os seus nomes e suas conquistas) da contribuição intelectual produzida por cientistas homens e mulheres negros (Pinheiro, 2019), responsáveis pela abertura de espaço para novas narrativas de protagonismo e empoderamento.

Você já assistiu ao épico Pantera Negra (2019)? Enquanto antes abordamos exemplos de apagamentos históricos, agora é hora de destacar biografias de protagonismo. Essas histórias ressaltam a ascensão e o reconhecimento de personagens e cientistas negros, que desafiam os estereótipos e reivindicam seu lugar no cenário cultural e científico.



Imagem 03: Lunella Lafayette (Foto: Marvel Comics)

Lunella Lafayette (Marvel, 2015) é uma personagem negra que apresenta uma relação prodigiosa com a ciência. Uma jovem menina que ama a ciência e desenvolve pequenos experimentos com peças que encontra em sua frente. A personagem apelidada de “Moon Girl”, pois, para os colegas e as pessoas que não a compreendem, está sempre no mundo da lua, constrói um dispositivo que a permite viajar no tempo, entender e refutar uma série de teorias que já estudava em torno do conhecimento científico.

Lunella Lafayette é uma cientista, torna-se interessante evidenciar tal questão, pois sua composição estética funciona como prática discursiva de um campo científico que propõe diversidade. Willian Foster (2014) comenta que as histórias em quadrinhos são um espaço onde as representações dos negros estão sendo alteradas de maneira massiva. Segundo o autor, apesar da ideia de que as mudanças podem parecer superficiais e as coisas tendem a permanecer iguais, no contexto atual, pelo menos em um aspecto específico, houve avanços significativos. A indústria dos



quadrinhos passou por transformações, oferecendo aos fãs uma representação mais diversa, com um aumento expressivo de personagens negros. Agora, as histórias e conquistas da população negra estão sendo devidamente reconhecidas e contadas (Foster, 2014).

Nesse sentido, Lafayette é fruto dessas mudanças dentro das narrativas gráficas, onde uma menina negra, ao folhear as páginas, pode se identificar com a personagem, pois os quadrinhos apresentam a funcionalidade de construir imaginários; eles ajudam leitores, artistas e consumidores em geral a sair de si mesmos para se tornarem algo além do real (Howard, 2014). Ou seja, a história de Holt propõem novos contornos estéticos sobre a negritude. Nas palavras de Ronald Jackson e Carlos Morrisson, “o que tínhamos de mais próximos em relação a Heróis Negros era através de narrativas orais compartilhadas por um contador de histórias da comunidade, um griot, que muitas vezes era o mais velho da comunidade” (Jackson; Morrisson, 2014).

Falar de Lunella Lafayette é refletir sobre a história da ciência e sua intersecção com diferentes meios midiáticos. Vale destacar que a ciência sempre ocupou um espaço importante nas histórias em quadrinhos, contudo, personagens negros com habilidades intelectuais e cientistas brilhantes são criações mais recentes, frutos dos imaginários contemporâneos, que buscam ampliar a diversidade e representatividade nesse campo.



Imagem 04: Riri Willians (Foto: Marvel Comics)

Riri Willians torna-se importante personagem dentro do repertório de narrativas da Marvel Comics, uma vez que seus conhecimentos figuram como “poder”; a partir deles, tal personagem se torna uma heroína. Sua história propõe diálogos entre negritude e ciência. Nesse diapasão, Riri pode funcionar como referência para uma educação dentro de um contexto de reconhecimento das diferenças e a luta contra preconceitos raciais (Munanga, 2010). Se as imagens são metáforas visuais (Joly, 2012), a personagem em questão figura nas páginas de uma história em quadrinhos no século XXI como cientista, por uma série de lutas, que envolvem direitos civis e ações afirmativas, pois Riri propõe rupturas em relação a configurações fixas e destoantes sobre o papel do negro na sociedade e na ciência.



Segundo Rancière (2017), a literatura tem a propriedade de desmanchar as relações estáveis entre nomes, ideias e coisas e, junto com elas, as delimitações organizadas entre as artes, os saberes ou os modos do discurso (Rancière, 2017. p. 30). Neste texto, evidenciamos, entre outras coisas, que histórias em quadrinhos fazem parte deste campo literário, então, nesse sentido, a personagem em questão desconstrói as limitações impostas aos personagens negros e às meninas cientistas, que, ainda hoje, são representados de maneira enclausurados em muitas narrativas midiáticas.

Os dois casos citados apresentam-se como relevantes para entendermos outros significados da identidade-cientista. É possível dizer que as duas narrativas discutem uma tendência recente chamada Afrofuturismo: é a ideia de imaginar e representar a presença negra em espaços e cenários onde ela normalmente não é mostrada, especialmente em contextos de ficção científica, tecnologia e futuro. Esse movimento busca reimaginar o papel da cultura negra, destacando sua contribuição para o progresso tecnológico e científico, ao mesmo tempo em que confronta e ressignifica narrativas tradicionais de exclusão e invisibilidade.

Tais personagens existem? Sim, mas sofrem processos cotidianos de invisibilização, ou seja, trazer esses heróis-cientistas à tona é propor uma extraordinária síntese de todas as ideias e conceitos que, desde mais ou menos o final do século XIX, têm acompanhado as lutas negras no desenvolvimento da humanidade. Para quem sabe ler entre as imagens, os fios estão lá plenamente manifestos (Mbembe, 2018), isto é, mesmo em representações visuais ou simbólicas, há camadas de significado que podem ser percebidas por aqueles que têm o olhar atento e crítico. As imagens, especialmente em contextos culturais e históricos, carregam narrativas profundas e reveladoras sobre as dinâmicas de poder, raça e identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A invisibilização de cientistas negros não é apenas uma questão de representatividade; ela reflete uma estrutura de poder mais ampla que visa manter determinadas hierarquias sociais e intelectuais. Ao longo do tempo, a cultura pop tem sido um veículo potente para a cristalização



desses estereótipos, alimentando a ideia de que apenas certas identidades podem ocupar o espaço da produção científica.

No entanto, as transformações sociais contemporâneas, impulsionadas por movimentos de direitos civis e decoloniais, têm aberto caminho para a inclusão de novas narrativas. Filmes, séries e mídias digitais começam a desconstruir o arquétipo tradicional, oferecendo personagens complexos e diversificados, que representam de maneira mais fiel as contribuições científicas de pessoas de diferentes origens étnicas e raciais. Esse avanço, embora significativo, ainda encontra resistências, tanto nas indústrias culturais quanto nas instituições científicas.

Para que essa transformação seja completa, é crucial que a educação também desempenhe seu papel, criando espaços de reflexão crítica sobre o racismo estrutural e a necessidade de ampliar os horizontes do que entendemos como ciência. Ao colocar esses temas no centro do debate, podemos avançar na construção de uma sociedade que reconheça e celebre a diversidade nas esferas intelectual, científica e cultural.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Elbert (org). **Negritude, Poderes e Heroísmos**. Rio de Janeiro: Conexão 7, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Vânia Gisele Bessi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

COSTA, R. S. **Os jogos de memórias e a construção de universos**: As adaptações cinematográficas de histórias em quadrinho de super-heróis. TESE. Rio de Janeiro: UNIRIO – Centro de Ciências Humanas e Sociais – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2017.

GARCIA, F; SILVA, E. B; PINHEIRO, B. C. Representações de cientistas na educação básica: racismo e sexismo em questão. **ANAIS – XII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XII ENPEC**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN – 25 a 28 de junho de 2019

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro Lamparina, 2014.

_____. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.



HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *In: Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

_____. **A Cyborg manifesto: science, technology, and socialist-feminism in the late twentieth century.** *In: HARAWAY, Donna. Simians, cyborgs, and women: the reinvention of nature.* Tradução de Bras. Tomaz Tadeu. New York: Routledge, 1991.

JACKSON, Ronald I; MORRISSON, Carlos D. Theres a Revolutionary Messiah in Our Mist: A pentadic analysis of Birth of a Nation: A comic novel. *In: HOWARD, Sheena C; JACKSON, Ronald D (Orgs.). Black Comics: politics os race and representation.* Bloomsbury, 2014.

JENKINS, H. **Convergence culture where old and new media collide.** New York and London: New York University Press, 2006.

JODELET, D. Ponto de Vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. *In: Temas em Psicologia*, vol. 19, núm. 1, Sociedade Brasileira de Psicologia, Ribeirão Preto, 2011. p. 19-26

JOLY, Martine. **Introdução à análise de imagem.** Campinas. SP. Papyrus, 2012.

LOPES, Ricardo Cortez. **Repræsontologia: fundamentos da ciência das representações.** São Paulo: UICLAP, 2024.

MBEMBE, Achile. **Crítica da Razão Negra.** Editora Antígona, 1ª Edição. 2014.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais – Investigação em psicologia social.** 11ª Edição. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – Usos e Sentidos.** Série Princípios. 2ª edição. São Paulo: Editora Ática. 1988.

_____. Educação e diversidade cultural. *In: MULLER, Tânia; OLIVEIRA, Iolanda. O Negro na contemporaneidade e suas demandas.* Niterói: EdUFF, 2010.

PINHEIRO, B. C. S. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. *In: Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, 19, 2019. p. 329–344

RANCIÈRE, Jaques. **Políticas da escrita.** São Paulo. Editora 34, 2017.

RODAS, J. G; PRUDENTE, C. Reflexões para o discernimento do estereótipo e a imagem do negro. *In: Revista Da Faculdade De Direito*, Universidade De São Paulo, 104, 2009. p. 499-506

RUSHKOFF, Douglas. **Media Virus!:** Hidden Agendas in Popular Culture. New York: Ballantine Books, 1996.



COLIRIUM
REVISTA DE ESTUDOS REPRESENTACIONAIS
E REPRESENTOLOGIA

**TODO CIENTISTA É BRANCO? REPRESENTAÇÕES
CONTEMPORÂNEAS SOBRE “QUEM FAZ CIÊNCIA”**

ELBERT DE OLIVEIRA AGOSTINHO
FERNANDO ALVES DA SILVA FILHO

SHELLEY, Mary. **Frankestein**. São Paulo: Martin Claret., 2012.

Recebido em: 05/09/2024 | **Aprovado em:** 14/12/2024